

ECONOMIA

BOLHA GLOBAL

Lula considera Banco Central determinante para fazer economia brasileira crescer 4% e conta com redução da taxa Selic em 2009

Governo quer juro menor

VICENTE NUNES
E EDNA SIMÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

O governo está contando que o Banco Central comece a reduzir a taxa básica de juros (Selic), que está em 13,75% ao ano, a partir do segundo trimestre de 2009, como mais um instrumento para manter o consumo interno aquecido e, por tabela, garantir crescimento de 4%. Essa perspectiva se consolidou ontem, depois da apresentação feita pelo presidente do BC, Henrique Meirelles, durante a reunião ministerial comandada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Segundo os presentes, Meirelles fez uma avaliação bastante positiva da economia e sinalizou que a inflação está sob controle, caminhando, sem traumas, para o centro da meta, de 4,5%.

Esse possível movimento de corte nos juros foi reforçado pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega. "O governo tomará as medidas que forem necessárias, tanto do ponto de vista monetário (juros menores) quanto do ponto de vista fiscal (mais gastos), para que atinjamos a meta de crescimento de 4% em 2009", disse, deixando transparecer que, depois de um embate com Meirelles, passou a prevalecer dentro do governo a sua visão sobre a necessidade de se adotar políticas anticíclicas, de maior intervenção do Estado na economia em tempos de crise.

Enquanto a queda da Selic não se materializa, Mantega disse que, no âmbito da política monetária, o governo vai trabalhar para reduzir o custo dos empréstimos às pessoas físicas e às empresas. Essa, por sinal, foi uma cobrança de Lula, que está inconformado com o fato de o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal terem seguido o movimento dos bancos privados e aumentado o spread bancário, diferença entre o que as

Wilson Dias/ABr



MINISTRO GUIDO MANTEGA (E), DA FAZENDA: TRABALHO PARA REDUZIR CUSTOS DOS EMPRÉSTIMOS

instituições financeiras pagam para captar recursos no mercado e o que cobram nos financiamentos. Reduzir os spreads, que garantem os elevados lucros dos bancos, "também é política anticíclica", afirmou o ministro. "Não se pode ter um custo financeiro tão alto. Aqui uma pessoa física faz um empréstimo e paga 45% a 50% de juros ao ano", frisou.

Na visão do ministro, o barateamento do crédito é fundamental para continuar estimulando o crescimento econômico. Ele lembrou que, em outubro, o mês mais prejudicado pela crise internacional, a oferta total de crédito desabou. "Mas, em novembro, já houve uma recuperação. Isso não quer dizer, porém, que houve uma normalização. Acredito que estamos operando com 80% do crédito que tínhamos antes de a crise se tornar aguda", destacou. Segundo Mantega, apesar de terem sido irrigados pela liberação de compulsórios pelo BC e pela venda de parte de suas carteiras de crédito, os

bancos de pequeno e médio portes continuam de fora do mercado. "O crédito melhorou em relação a outubro, mas ainda não chegou ao ponto ideal. Por isso, vamos ter alguma queda de demanda", frisou.

Consumo responsável

Logo depois da reunião ministerial, o presidente Lula aproveitou uma cerimônia no Palácio do Planalto para mandar seu recado: "Todo mundo sabe que, de todos os países do mundo, o Brasil é o mais seguro e mais preparado para enfrentar essa crise. Nós acreditamos". Na mesma solenidade, o ministro do Trabalho, Carlos Lupi, admitiu a preocupação do governo em estimular a economia por meio de um consumo "responsável". "Se as pessoas pararem de comprar, o emprego diminuirá e o Brasil sentirá os efeitos da crise", afirmou. "O nosso grande mercado é o interno. Não podemos deixar que os efeitos psicológicos da crise atinjam o país", reforçou o ministro

de Relações Institucionais, José Múcio Monteiro.

Para a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, com a manutenção dos investimentos no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), na exploração de petróleo na camada pré-sal e em programas sociais, não há como o Brasil seguir na direção das economias mais ricas, como os Estados Unidos, a Europa e o Japão, que estão em recessão. Já o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, disse que o governo fará de tudo para proteger o agronegócio, fundamental para o emprego e a balança comercial do país.

COLABORARAM LUCIANO
PIRES E DANIEL PEREIRA

correio braziliense.com.br



Confira apresentações:

ministros Guido Mantega, Fazenda, e Dilma Rousseff, Casa Civil, na reunião ministerial